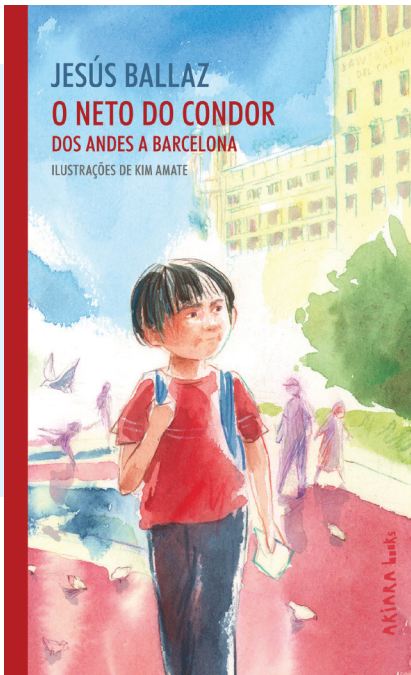


JESÚS BALLAZ

O NETO DO CONDOR DOS ANDES A BARCELONA

ILUSTRAÇÕES DE KIM AMATE



Um menino de dez anos chega sozinho a Barcelona, onde trabalha a sua mãe. Mas houve uma confusão. Passam os dias e não a encontra. Desde logo compreende que não tem outra casa além de um banco numa praça.

A vida numa aldeia dos Andes e o ritmo de uma cidade europeia, as esperanças de uma criança e a dureza da rua, a amabilidade e a distância, o medo e a festa impregnam as páginas deste relato.

Uma homenagem às muitas histórias ocultas da imigração e um convite a refletir sobre o acolhimento.

ARGUMENTOS DE VENDA

- Terceiro título da coleção de narrativa AKINARRA, pensada para crianças a partir dos 9 anos.
- Uma história cheia de contrastes entre o Peru rural e a Barcelona cosmopolita, que indaga sobre as motivações que levam muita gente a emigrar.
- Um relato terno e impactante que nos permite descobrir a vida frágil dos sem-abrigo e contemplar Barcelona com outros olhos.
- Ilustrações feitas com aguarela e lápis de cor, que recriam a variedade dos ambientes e das emoções dos protagonistas.

184 páginas, 12 x 20 cm
 Capa dura (sem plastificação)
 ISBN: 978-84-17440-91-6
 Coleção: Akinarra, 3
 Tradução: Catarina Sacramento
 Primeira edição: junho de 2021
 Idade recomendada: + 9 anos
 PVP: 15,90 € (15,00 € + 6% IVA)

Temas: imigração; acolhimento; vida na rua; Andes; Barcelona; sonhos da infância



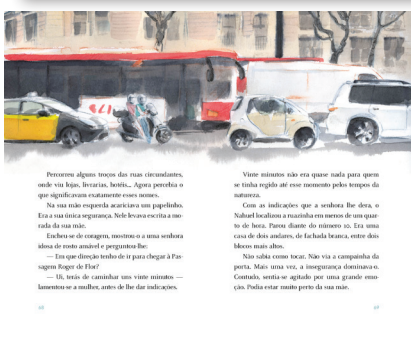
Quando estavam prestes a chegar a sua casa, o Nahuel saiu e foi ao encontro deles. O momento, à medida que crescia, começou a sentir-se o escudo da vida, mas antes de a trilha delimitada contra ventos e neblinas...

— E o que andam a procura por aqui? — gritou, encostando-se ao tronco de uma árvore.

O silêncio, melancólico e de muito tempo, já tinham vindo a tentar de mostrar a voz mais grave para que não se humilhassem. Apesar disso não se sentia sentido tão seguro se não tivesse estado nas costas o alívio da minha grande, a sua mãe Dóndra.

Ela esperava, então, bem exposta, empunhando uma vara. Os recém-chegados não lhe tinham dado motivo para terem vindo ali, mas o pouco de tempo disponível se debruçava que perdiam na mente como fumaça de revólveres.

O primeiro colmo da fogueira com um covelinho na mão. Seria para queimar a fumaça do acendimento e a crescer a vida no condor antes de dar um passo em direção ao vale de montanhas. Não seria mais de seis anos. Cresceu em direção a um abeto e deixei escapar ali mesmo um rio amargo.



Perceber alguns traços das ruas circundantes, onde via lojas, livrarias, bancas. Agora percebia o que significavam exatamente esses nomes.

Na sua mão repete-se a palavra um papagálio. Era a sua única esperança. Não havia nenhuma esperança da sua mãe.

Embora se debruçasse, mesmo a uma pequena altura de onde eu não podia ouvir o que me dizia.

— Eu que direção tenho de ir para chegar à casa da minha mãe?

— Ué, tenta de lembrar-te um instante — lançava-se a mim, antes de lhe dar indicações.

Virte mesmo não era quase nada para quem se tinha regido até esse momento pelas regras da natureza.

Com as indicações que a minha mãe deu, o Nahuel facilitou a caminhada em direção ao que me dizia. Fui em direção do mesmo rio. Era uma coisa de dois condores, de La Huala, entre dois blocos mais altos.

Não sabia como tocar. Não via a companhia da pedra. Mas uma vez, a investigação diminuiu.

Contudo, sentia-me agitado por uma grande emoção. Podia estar muito perto da sua mãe.



Começo, mas um pouco brusco e de tão poucas palavras que não permito momentos, dá-me a impressão de ser antiquado. O que se tinham cruzado com ele dizem que se para chegar à Huala tem que seguir pelo rio.

Ele era novo. Calado pelo condor. Baixinho, chinês e fino. Não tinha uma ideia para a caminhada. Não devia ter mais de vinte e um anos. Com uma vara. Não lhe costava dialogar porque eu estava sempre quieto e não se move. Debruçava-se ligeiramente, como de costume, e eu não me movia.

Sei bem como me dá gosto. Ainda havia luz natural. Apesar disso, a gente já percebeu o que me tinha feito antes, quando a Huala estava muito escura e os condores andavam por ali sem rumo no fongolamento e a fumaça ajudava a proteger os olhos.

O primeiro momento a gente. Os dois ficaram uma vista de olhos, pararam e falaram entre eles. Não tinham encontrado quem procuravam.

Apresentaram-se de frente.

— Como estavam, senhor de suposição? — perguntava-lhe a jovem.

JESÚS BALLAZ

Nasci em 1946 em Liédena, uma localidade contígua a Leyre e Javier, dois lugares emblemáticos de Navarra. Embora viva na Catalunha há muitos anos, ainda sinto que o centro do meu mundo é Arangoiti. Outra maneira de dizer que as histórias de um escritor se enraízam na sua infância.

Licenciei-me em Filosofia e Letras, e toda a minha vida laboral tem estado relacionada com os livros. Já me sentei dos quatro lados da mesa editorial: no lugar do editor, do tradutor, do crítico e do autor. Além de editar livros escolares e juvenis, fiz traduções e crítica literária de livros infantis. Obtive uma bolsa para passar um tempo na Jugendbibliothek de Munique, onde descobri que aquilo de que eu gostava se fazia por todo o mundo em centenas de línguas.

Traduzir e fazer crítica (nas duas atividades recebi uma medalha, o Prémio Nacional) deu-me entusiasmo para escrever. Ao longo de mais de 35 anos, fui publicando livros de narrativa para crianças e jovens, alguns premiados ou traduzidos em todas as línguas de Espanha e em várias línguas estrangeiras: alemão, francês, turco, japonês, coreano, chinês e, finalmente, este livro — que alegria! — em português, língua que falam dois dos meus netos.

KIM AMATE

Acabo de ilustrar uma história emocionante, uma aventura que, ainda que não seja real, poderia sê-lo.

Nunca fui como o Nahuel, já que nunca vivi noutra cidade que não fosse a minha, nem tão grande como Barcelona nem tão pequena como uma aldeia ou uma casa isolada na montanha.

Em Terrassa, a minha cidade, tive mais oportunidades do que ele: quando era menino, andei numa escola pública; mais tarde, na Escola das Artes Aplicadas de Terrassa e na Llotja de Barcelona, pude aprender desenho gráfico e ilustração, o ofício de que mais gostava. Trabalhei em artes gráficas e publicidade, e pude viajar por prazer e não por necessidade.

Com o tempo, ilustrar livros converteu-se na minha escola, no meu trabalho, nas minhas viagens e numa maneira de recriar a vida de pessoas que não existem mas que parecem reais.

Nesta história que tens nas mãos, o mais importante para o Nahuel é encontrar a sua mãe. Na minha própria história, o mais importante é a minha família e os meus amigos, e ilustrar personagens como ele ajuda-me a recordá-lo.